

A Questão Racial e o Marxismo em Octavio Ianni: O Início de uma Trajetória de Interpretações¹

Rafael Marchesan Tauil²

Resumo: Apresentamos neste artigo uma análise sobre algumas pesquisas elaboradas na Cadeira I de Sociologia Uspiana. Através do estudo de algumas investigações sobre a temática racial desenvolvidas por Octavio Ianni, buscamos compreender sua linha de pensamento acerca do conteúdo. Nossa investigação consistiu no exame de determinadas obras - produzidas entre 1955 e 1961 – e foi em busca de uma reconstrução histórico-sociológica, na tentativa de compreender as diferentes perspectivas metodológicas utilizadas pelo autor em sua dissertação de mestrado e em sua tese de doutorado, quando se apropriou do eixo metodológico de análise marxista para a compreensão do sistema escravocrata e sua abolição no Brasil. Os trabalhos sobre a questão racial desenvolvidos por Octavio Ianni trouxeram grande contribuição ao modo pelo qual o tema vinha sendo pesquisado desde que fora abolida a escravatura no Brasil. Os estudos ajudaram a diagnosticar não apenas o fenômeno da abolição mas também o modo através do qual se deu o desenvolvimento capitalista no Brasil.

Palavras-chaves: Pensamento Político Social - Octavio Ianni - Marxismo - Questão Racial.

Abstract: We make in this research an analysis about Brazilian social political thought formed at Cadeira I de Sociologia Uspiana. Through the study of some works about the racial subject developed by Octavio Ianni we seek to comprehend a thought line about the content in the period between 1957 and 1961 and its impacts to the comprehension and meanings of racial inequality in Brazil. The paper aims the investigation of specific works through a sociological-historic reconstruction intending to understand the different methodological perspectives used by the author in his master's degree dissertation and PHD thesis, when adopting the Marxist perspective to analyze the slavery system and its disintegration in Brazil. The racial researches developed by Octavio Ianni brought important contributions to the way which the subject had been researched in Brazil since the slavery abolition. The studies helped to analyze not just this phenomenon but also the capitalist development in Brazil.

Keywords: Social Political Thought – Octavio Ianni – Marxism – Racial Question.

Octavio Ianni – A Sociologia e seu Tempo

¹ Este artigo reflete a síntese dos resultados atingidos em meu trabalho de mestrado TAUIL (2012).

² Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pesquisador do Laboratório de Política e Governo – fclar – UNESP rafaeltauil@hotmail.com.

Filho de imigrantes italianos Octavio Ianni nasceu em 13 de outubro de 1926 na cidade de Itu, interior de São Paulo. Ingressou na Universidade de São Paulo em 1949 aos 23 anos, onde cursou a graduação durante os dois primeiros anos e se afastou pelos dois anos seguintes (1951 e 1952) por problemas financeiros. Neste período casou-se e trabalhou como assistente de editora na Companhia Editora Nacional e como tipógrafo em Osasco (SOARES, 2011). Ianni graduou-se como Cientista Social em 1954 na Universidade de São Paulo – USP; também na USP, a partir de 1955, passou a desenvolver sua pesquisa de mestrado acerca da “questão racial” na cidade de Florianópolis sob a orientação e influência teórico-metodológica de Florestan Fernandes. Ianni concluiu seu mestrado em 1957 e no mesmo ano iniciou sua pesquisa de doutorado na mesma Universidade. Ainda orientado por Florestan Fernandes, Octavio Ianni conclui suas pesquisas de doutorado também sobre a questão racial em 1961, porém sob uma ótica substancialmente diferente da adotada inicialmente em suas investigações de mestrado.

A obra de Octavio Ianni constitui um episódio muito positivo entre os trabalhos de intelectuais brasileiros. Este fenômeno esteve assentado sobre a excelência do autor enquanto pesquisador, em sua clareza de interpretação acerca da realidade e principalmente em sua capacidade de construção de uma vasta produção bibliográfica sobre uma multiplicidade de temas caros às Ciências Humanas. O trabalho de Ianni não contemplou apenas temáticas relacionadas a aspectos da realidade nacional, mas tratou também de assuntos que transcenderam esta esfera e foram determinantes para a Sociologia em uma esfera global. Entre os objetos trabalhados por Octavio Ianni, adquiriram maior predominância questões como a temática racial, o desenvolvimento sócio-econômico brasileiro, as relações entre Estado e capitalismo e o populismo no Brasil e na América Latina. Além destes temas, a partir de meados da década de 1970 o autor se voltou com mais força a temas como o imperialismo, os problemas e adversidades do capitalismo em nível nacional e mundial, à temática cultural, à ideia de formação de um “Brasil Moderno”, aos desafios da Sociologia no Brasil e finalmente à temática da globalização – tendo sido neste último caso um dos pioneiros a tratar do assunto no Brasil.

Sua importância não se encerra no aspecto concernente a excelência e multiplicidade de temas escolhidos, mas também em sua disposição para rever suas próprias perspectivas de interpretação sobre o mundo e em seu compromisso e rigor intelectuais, sempre condizentes com os mais altos níveis de excelência no campo teórico e metodológico da Sociologia. Ao longo dos anos e com o amadurecimento intelectual, graças ao seu comprometimento como “pesquisador profissional”, Ianni foi se distanciando da

Sociologia balizada pelo “excessivo rigor acadêmico universitário” – no qual foi formado durante o tempo que foi aluno de Florestan Fernandes na Cadeira I de Sociologia uspiana – e passou a escrever com maior liberdade interpretativa sobre temáticas de extrema importância para a compreensão da realidade social, o que lhe permitiu maior autonomia na forma de compreender determinados fenômenos políticos, econômicos e sociais que se apresentavam em sua geração.

Embora Ianni não tenha assumido posições na arena da política institucional como Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, seu papel como intelectual público certamente foi importante para mudanças ocorridas no campo da política e do desenvolvimento sócio-econômico do cenário nacional. Através do papel de pesquisador, professor, palestrante, conferencista e publicista de uma maneira geral, Ianni contribuiu como intelectual capaz de compreender os dilemas e problemáticas do passado e as transformações e metamorfoses presentes em sua própria época. O autor nunca se furtou a defender sua posição político-ideológica radical - à esquerda da maioria de seus colegas intelectuais contemporâneos - sempre denunciando e apontando criticamente os conflitos e paradoxos presentes na sociedade moderna e em seu modo de produção correspondente.

Duas Interpretações e um Brasil

Demonstramos neste trabalho os resultados de nossa pesquisa de mestrado sobre parte das interpretações elaboradas por Octavio Ianni acerca da questão racial durante sua trajetória como intelectual. Este momento específico se refere ao início de sua carreira na academia, quando desenvolveu dois trabalhos sobre a questão racial no Brasil. Estas duas obras, sua dissertação de mestrado **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis (1957)**³ e sua tese de doutorado **O Negro na Sociedade de Castas (1961)**⁴, marcaram uma ruptura substancial em relação aos fundamentos teóricos e metodológicos mobilizados pelo autor entre suas pesquisas de mestrado e doutorado.

Octavio Ianni, aluno e orientando de Florestan Fernandes, alterou substantivamente o modo pelo qual interpretou a questão da abolição da escravatura no Brasil e a inserção do negro na sociedade de classes durante seu mestrado e doutorado. Em sua dissertação de mestrado, Ianni estava filiado a uma corrente metodológica mais próxima do funcionalismo,

³ A dissertação **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis (1957)** foi publicada três anos depois pela editora Brasiliense sob o título de **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações entre Negros e Brancos numa Comunidade do Brasil Meridional (1960)**.

⁴ Sua tese de doutorado **O Negro na Sociedade de Castas (1961)**, também foi publicada posteriormente, em 1962, pela editora DIFEL sob o título **As Metamorfoses do Escravo (1962)**. Nossa pesquisa se baseou nesta publicação, pois houveram algumas modificações entre a tese defendida e a obra publicada, o título é um exemplo das mudanças. Sendo assim, consideramos que o livro, com suas modificações, pode ser compreendido como a obra aprimorada pelo autor após um ano de reflexão e revisão do texto para publicação.

analisando a “questão racial brasileira” a partir desta perspectiva. Durante o doutorado, apoiando-se no referencial teórico-metodológico marxista, o problema da escravidão e sua abolição passou a ser compreendido em termos mais estruturais, tendo como principal foco de análise os elementos econômicos que teriam determinado sua formação, permanência e desintegração.

Deste modo a denúncia ao preconceito, à discriminação racial e ao mito da democracia racial vigentes no Brasil passou a ser elaborada de maneira diferente. Com a adoção da perspectiva marxista de análise o autor passou a apontar criticamente a desigualdade racial a partir de um viés que considerava de maneira privilegiada a mobilidade de classe enquanto problema fundamental. Em outras palavras, a tônica do discurso passou a recair sobre os obstáculos impostos ao ingresso da população negra na sociedade de classes e não apenas na inclusão da população negra na “sociedade dos brancos”.

A inserção deste novo paradoxo na compreensão dos estudos acerca da questão racial no Brasil fez parte de um movimento maior do contexto acadêmico no Brasil e embora tenha operado um importante giro no modo pelo qual a questão racial foi pensada no Brasil, passou depois de algum tempo a ser alvo de diferentes críticas, tanto no meio acadêmico quanto entre os próprios “militantes” desta questão por conta de alguns limites inerentes a esta perspectiva interpretativa.

Uma “cultura universitária de esquerda” era germinada em São Paulo através, entre outras ações, da criação do Seminário do Capital sob a liderança do filósofo José Arthur Giannotti. Este novo modo de interpretação lançou luz, no caso paulistano, ao paradoxo interpretativo entre raça e classe.

A adoção da linha interpretativa que passou a considerar a analítica marxista para dar conta da compreensão da questão racial no Brasil pode ser considerada como o início de um debate que está ainda longe de terminar, e pode ser brevemente resumido por duas questões: As desigualdades sócio-econômicas no Brasil se devem aos problemas provenientes do preconceito e da discriminação racial ou aos entraves representados pelo preconceito e pela discriminação de classe?⁵ Quais são os verdadeiros paradoxos

⁵ Artigos, análises e diferentes pesquisas ilustram significativamente que uma “solução por parte dos estudiosos” está longe de ser dada à questão: Os problemas de desigualdade social, preconceito e discriminação no Brasil são provenientes de “questões de classe ou de raça”? Alguns debates ilustram bem as divergências. Bons exemplos desta discussão estão presentes em: SOUZA, Jessé. **Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira**. Lua Nova, n. 65, SP, 2005; no dossiê sobre a temática da Revista Crítica Marxista de 2007, n° 24 com os artigos: **Raça, classe e política no Brasil** de Mário Maestri, **Lutas Sociais, desigualdade social e discriminação Racial** de Mauro W. de Almeida, **Cotas e o renascimento do racismo** de Sérgio Lessa e **Por que as cotas são uma proposta mais igualitarista que a equidade meritocrática?** de Valério Arcary; e em GUIMARAES, A. S. A. **Entrevista com Carlos Hasenbalg**. Tempo social, vol.18, USP, SP, 2006;

esponsáveis pelas desigualdades no Brasil, a dificuldade de inserção do negro no “mundo dos brancos”⁶ ou do “pobre” no “mundo dos ricos”?

A Questão Racial no Brasil (1950 – 1960)

As pesquisas sobre a questão racial constituíram capítulo importante na trajetória histórica da Sociologia brasileira. Os estudos se iniciaram numa era designada por alguns autores como “pré-científica”⁷, anteriores à institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e podem ser representados por trabalhos desenvolvidos por autores como Roquete Pinto, Nina Rodrigues, entre outros.

As investigações sobre a questão racial contribuíram fortemente com a institucionalização da Sociologia no Brasil. Os trabalhos de mestrado e doutorado de Octavio Ianni se situam em meio a este processo e marcam um momento importante do fortalecimento desta ciência na cidade de São Paulo. As investigações do autor podem ser vistas como continuidade do projeto sobre a questão racial encomendado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura fundada em 1945) e pela Revista Anhembi. Embora constitua uma continuidade deste projeto de pesquisa, os trabalhos de Octavio Ianni romperam com as lógicas de interpretação ensejadas no Projeto UNESCO e com o esquema teórico e metodológico utilizado por Florestan Fernandes e Roger Bastide nas investigações elaboradas na cidade de São Paulo.

Entre 1950 e 1952 a UNESCO desenvolveu uma série de pesquisas acerca das relações raciais no Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial a organização social buscava um modo de dar respostas aos “problemas raciais” que aterrorizaram o mundo durante o holocausto e o genocídio nazista. O Brasil era conhecido à época pela presença de uma suposta harmonia nas relações entre indivíduos de diferentes raças. Visão que se consagrara, entre outros motivos, pela defesa da tese sobre a democracia racial.⁸ Deste modo a UNESCO veio buscar no Brasil uma maneira de demonstrar ao mundo que eram

6 O termo refere-se ao trabalho de Florestan Fernandes **O negro no mundo dos brancos**. 2º Ed. Revista, Global, SP, 2007, no qual o autor se propõe a analisar, entre outros elementos, a inserção dos negros na sociedade de classes.

7 Para a idéia de estudos pré-científicos ver ENNO D. L. F. A Sociologia no Brasil: história, teorias e Desafios. Sociologias, ano 7, nº 14, p. 376-437, RS, 2005

⁸ Sobre a ideia de democracia racial, ver FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala, 22º ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. Rio de Janeiro. Editora Record. 9ª edição. 1996. p. 380, GUIMARÃES, A. S. A.. O Projeto UNESCO na Bahia. Comunicação ao Colóquio Internacional “O Projeto UNESCO no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois”, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, entre 12 e 14 de julho de 2004. CARDOSO, F. H. Uma Pesquisa Impactante In: BASTIDE, R, FERNANDES, F. Brancos e negros em São Paulo. 4º.ed. São Paulo: Global editora, 2008. 1955, BASTOS, E. R. A Questão Racial e a Revolução Burguesa. In: D'INCAO, M. A. O Saber Militante, ensaios sobre Florestan Fernandes, SP, Ed Paz e Terra, 1987, BASTOS, E. R. Octavio Ianni: a questão racial e a questão nacional In: FALEIROS, Maria I. L.; CRESPO, Regina A. Humanismo e Compromisso: Ensaio sobre Octávio Ianni. São Paulo : UNESP, 1996. MAIO, Marcos Chor. Tempo Controverso Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(1): 111-136, maio de 1999. MEUCCI, S. Gilberto Freyre e a Sociologia no Brasil: Da Sistematização ao Campo Científico. Tese de Doutorado – UNICAMP – SP , 2006

possíveis relações pacíficas entre indivíduos de diferentes raças. Alguns intelectuais como Donald Pierson e Franklin Frazier já haviam se atentado para a temática racial no Brasil e desenvolvido pesquisas aqui entre 1920 e 1940.⁹

Embora autores brasileiros e estrangeiros já tivessem se debruçado sobre a questão racial no Brasil, o que prevaleceu foi a visão de que aqui a desigualdade, o preconceito e a discriminação racial eram praticamente inexistentes, isto, entre outros motivos, por conta dos diversos nuances presentes na vasta extensão do território brasileiro. O pesquisador que desenvolvesse uma pesquisa na Bahia certamente estaria longe de obter os mesmos resultados que o estudioso que desenvolvesse uma pesquisa no Estado de São Paulo em busca de respostas adequadas à temática racial.¹⁰

A ideia de “paraíso racial” (MAIO, 1997) e a participação de alguns estudiosos brasileiros como Artur Ramos na equipe da UNESCO fizeram com que o Brasil fosse eleito como campo a ser pesquisado. O início destas atividades estabeleceu um novo marco no modo pelo qual a questão do preconceito racial e da discriminação racial foi pensada no Brasil. Neste cenário inseria-se o primeiro trabalho de pesquisa sobre a questão racial elaborado por Octavio Ianni. Florestan Fernandes e Roger Bastide haviam publicado em **1955** o trabalho **Branços e negros em São Paulo**. Este trabalho consistiu na síntese das pesquisas desenvolvidas pelos dois autores através da “encomenda” feita pela UNESCO e pela Revista Anhembi, dirigida por Paulo Duarte na cidade de São Paulo.

Florestan Fernandes incentivou Ianni em seu mestrado a dar continuidade às pesquisas que ele e Bastide haviam desenvolvido na cidade de São Paulo e a realizar uma investigação acerca da questão racial no sul do país, mais especificamente na cidade de Florianópolis. A escolha do local se deu em função da ausência de pesquisas sobre a questão racial na região. O Projeto UNESCO privilegiou as regiões Sudeste e Nordeste do Brasil por considerar que estas poderiam fornecer um rico panorama das relações raciais do país.¹¹

Octavio Ianni passou a desenvolver suas pesquisas para o mestrado na região conhecida à época como Desterro, cidade de Florianópolis atualmente. O trabalho se desenvolveu em “concordância” teórica e metodológica com as investigações efetuadas por

⁹ Para uma análise mais demorada sobre o início destas atividades ver MAIO, M. C. O Projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999

¹⁰ Para isto ver BASTIDE, R. FERNANDES, F. Relações entre Brancos e negros em São Paulo. Revista Anhembi. SP, 1955

¹¹ Aqui estão enunciados os diferentes resultados do Projeto UNESCO: WAGLEY, C. (1952) Race and class in rural Brazil. Paris, UNESCO; AZEVEDO, T. (1955) As elites de cor: um estudo de ascensão social. São Paulo, Companhia Editora Nacional; COSTA PINTO, L. A. (1953) O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança. São Paulo, Companhia Editora Nacional; FERNANDES, F. & BASTIDE, R. (1955) Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. São Paulo, Editora Anhembi; NOGUEIRA, O. (1955) “Relações raciais no município de Itapetininga” In.: FERNANDES, F. & BASTIDE, R. (1955) Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. São Paulo, Editora Anhembi; RIBEIRO, R. (1956) Religião e relações raciais. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura.

Florestan Fernandes e Bastide na cidade de São Paulo. A investigação consistiu, grosso modo, na coleta e análise dos dados demográficos da população de Florianópolis, na sistematização dos quesitos de raça e cor desta população e numa análise demorada sobre as ideologias raciais que permeavam as relações entre os indivíduos das diferentes raças naquele território.

É possível perceber na dissertação de Octavio Ianni a influência da obra inicial de Fernandes e Bastide. Não houve nenhuma ruptura ou questionamento por parte de Octavio Ianni com relação às conclusões a que haviam chegado os dois primeiros autores nas investigações sobre a população da cidade de São Paulo. Os principais aspectos sobre a temática racial desenvolvidos na obra de Bastide e Fernandes estão presentes no trabalho de Ianni: a relação entre a cor e a mobilidade social do negro e mulato ex-escravo, a análise sobre os estereótipos e as ideologias raciais do branco, negro e mulato, a transformação do escravo em indivíduo, a mística da branquidade, a “função social” do preconceito racial na sociedade pós-abolição e os principais aspectos referentes a algumas reflexões incipientes sobre as conexões entre o preconceito de classe e o preconceito de cor. Posteriormente em **1958**, Florestan Fernandes confirmaria na segunda edição de **Relações entre Brancos e negros em São Paulo** que suas elaborações iniciais acerca da questão racial brasileira em São Paulo foram confirmadas pelos seus orientandos na região sul do país. “As pesquisas feitas no Brasil Meridional, especialmente por Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Renato Jardim Moreira, revelam que o quadro aqui esboçado é legítimo e verdadeiro.” (FERNANDES, 1958, P. 19)

A continuidade das perspectivas teórico-metodológicas adotadas por Ianni em relação ao mestre são bem confirmadas pelo modo como é tratada a questão da ideologia racial pelo autor por exemplo. As análises sobre a ideologia racial dos brancos, negros e mulatos, embora procurassem denunciar a dominação do branco em relação ao negro e mulato não estavam situadas numa perspectiva expressamente marxista de análise, baseadas na ideia de dominação de classe como viria a aparecer mais tarde em sua tese de doutorado. Ainda estavam presentes naquele momento os traços de uma análise estrutural-funcionalista - da qual Florestan Fernandes ainda era signatário - que tratava o aspecto ideológico baseando-se em algumas noções inclusive da psicologia social. Prova disto são as obras mobilizadas pelo autor para dar conta da noção de ideologia: **Fundamentals of Social Psychology**¹² e **Character and Social Structure**¹³.

¹² HARTLEY, E. L., HARTLEY, R. E. **Fundamentals of Social Psychology**, 1952

¹³ GERTH, H., MILLS, C. W. **Character and Social Structure**, London, 1957.

Para Fernandes (1955) e Ianni (1957) a ideologia racial do branco teria como componente essencial o preconceito racial, se conformando através da formação de estereótipos e visões sobre o negro. Estes componentes cumpririam a função de manter a “tradicional” superioridade do branco em relação ao negro e estabelecer fronteiras bem delimitadas entre as duas raças, através das linhas divisórias que permaneciam demarcadas desde o início do período escravocrata. Já ideologia racial do negro e do mulato teria como componentes essenciais elementos de defesa contra o preconceito como: o ideal de branqueamento, a concepção de contra-ideologia e a ideologia de compromisso. Estes componentes atuavam como facilitadoras na inserção e integração do homem negro e mulato na “sociedade pós-abolição”. As duas ideologias cumpriam funções semelhantes; a do branco facilitava seu ajuste a situações em que estavam presentes negros e mulatos e a dos negros e mulatos visavam “(...) orientar o comportamento do ‘indivíduo de cor’, no sentido de sua integração e ascensão sociais.” (IANNI, CARDOSO, 1960, P. 210)

A Inserção do Marxismo no Pensamento sobre e a Questão Racial

Com a entrada de Octavio Ianni para o Seminário do Capital em 1958, a perspectiva de análise do autor sobre a questão racial começou a passar por alterações substanciais. A teoria marxista não era nova no Brasil, mas era mobilizada até então principalmente pela política, através do Partido Comunista Brasileiro e do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, para a formulação de teses que pudessem levar o Brasil a alcançar, entre outros objetivos, um “horizonte revolucionário de emancipação nacional” frente à relação de dependência que mantinha com os países desenvolvidos.

O Seminário do Capital tinha como fio condutor a preocupação metodológica signatária do marxismo ocidental. Esta “modalidade de pensamento” gestada inicialmente, no caso brasileiro, na escola uspiana vislumbrava um horizonte que possibilitasse a inserção da reflexão sobre as teorias marxistas em um campo filosófico. As discussões não estavam pautadas pela tentativa de transformação da realidade concreta da atualidade, mas sim pelo avanço no campo das ideias e de uma reflexão que fosse capaz de aprofundar e reavaliar as interpretações da obra de Marx feitas até o presente momento no Brasil. Tratava-se mesmo de uma tentativa de distanciamento da maioria das leituras marxistas da realidade nacional feitas até então no Brasil e de uma tentativa de trazer a obra de Marx para o campo de uma interpretação mais filosófica do que de ordem prática intervencionista.

Um “grupo multidisciplinar” formado por filósofos, sociólogos, antropólogos, economistas e historiadores, entre os quais José Arthur Giannotti, Fernando Novais, Paul

Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Michael Lowy e Roberto Schwarz, se dedicava à leitura do *Capital* e refletia sobre as possibilidades trazidas por este material para uma nova interpretação da realidade brasileira. A questão racial estava presente tanto para Octavio Ianni quanto para Fernando Henrique Cardoso por conta da orientação de Florestan Fernandes, que pautava a agenda de estudos da cadeira I de Sociologia da USP naquele momento¹⁴.

Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso se apropriavam do referencial teórico-metodológico marxista ao mesmo tempo em que desenvolviam as respectivas pesquisas de doutorado sobre a questão racial no sul do país. Fernando Henrique se responsabilizou pelas pesquisas no Rio Grande do Sul e região e Octavio Ianni pelas pesquisas no Paraná. Havia também na participação do Seminário uma tentativa de “emancipação intelectual” em relação às linhas teóricas e metodológicas que vinham sendo estabelecidas por Florestan Fernandes como chefe da cadeira de Sociologia desde 1954. Tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Octavio Ianni buscavam se afastar da influência do “guru intelectual” e seguir seus próprios caminhos na academia, adotando naquele momento o que havia de mais “novo” e “sofisticado” no campo das humanidades, o referencial teórico-metodológico marxista.

As duas obras de doutorado elaboradas por Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni contam com um prefácio/introdução que demonstram a preocupação dos dois intelectuais com a afirmação do marxismo enquanto perspectiva “superior” de análise metodológica e interpretativa da realidade. Esta tentativa é perceptível nos dois prefácios e pode ser interpretada como uma maneira de autoafirmação intelectual dos dois alunos em relação a Florestan Fernandes. Tanto Octavio Ianni quanto Fernando Henrique Cardoso já se consideravam capazes de forjar novos “caminhos sociológicos” do ponto de vista teórico e metodológico na análise dos diferentes fenômenos sociais.

Fernando Henrique utilizou em sua introdução um “marxismo erudito” e um tanto abstrato para a época. Sua introdução – na qual utilizou referências como Jean-Paul Sartre e György Lukács – se constituiu posteriormente como um trabalho à parte, sendo inclusive publicado separadamente em diferentes revistas e periódicos à época. Ianni se limitou a uma discussão menos abstrata e mobilizou o próprio Marx para cumprir a tarefa.¹⁵

¹⁴ Para um estudo sobre esta agenda ver: PULICI, C. **De Como o Sociólogo Brasileiro Deve Praticar seu Ofício: As Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969**, Dissertação de Mestrado, USP, SP, 2004

¹⁵ Para uma análise mais demorada sobre estes dois prefácios ver SOARES, L. R. **Mestres e Discipulos e um Seminário em São Paulo (1958-1978)**, Tese de Doutorado USP SP 2011

Efetivamente Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni em seus estudos sobre a escravidão no Sul do País, procurariam inovar reivindicando explicitamente o uso do método dialético na interpretação dos dados coletados. O trabalho de campo havia sido feito conjuntamente pelos dois entre 1955 e 1960, nos moldes da orientação proposta inicialmente por Florestan para pesquisar o preconceito racial e a integração do negro na sociedade de classes. No entanto como resultado das leituras de Marx, os trabalhos, quando apresentados como teses de doutoramento, trariam à tona a presença das discussões do grupo (do Capital) na forma como concebiam a formação social capitalista no País. (LAHUERTA, 2005, P. 162)

Entre as principais razões que motivaram a formação do grupo e a tentativa de uma nova ótica de compreensão da obra de Marx e da realidade brasileira através da perspectiva marxista estiveram: o “fracasso” do regime comunista na União Soviética, a revelação das atrocidades cometidas por Stalin durante seu regime ditatorial, além do cenário brasileiro com seus descompassos entre herança escravocrata e desenvolvimento capitalista. “O objetivo mais evidente do grupo foi o de fazer, através da junção de várias áreas de atuação, um esforço teórico que lhe possibilitasse elaborar uma nova “interpretação do Brasil”, e de seu lugar no mundo (...).” (LAHUERTA, 2005, P. 162)

Ianni inseriu em seu trabalho de doutorado a temática da escravidão nos termos marxistas, demonstrando que a escravidão seria incompatível com o novo modo de produção capitalista que era gestado no Brasil.¹⁶ As análises sobre a abolição da escravatura e a formação da ordem social capitalista receberam a tônica de grave denúncia através dos diagnósticos de Ianni por meio da perspectiva crítica do marxismo. Além disto, a avaliação do fenômeno racial passava a se diferenciar em larga medida das análises formuladas até então, por exemplo, por Gilberto Freyre em **Casa Grande & Senzala (1983)**.

Freyre em seu trabalho anunciava “relações harmônicas” entre escravos e senhores, e com o tempo as novas interpretações efetuadas através da perspectiva marxista de investigação acabaram levando a ótica freyriana – uma das mais consagradas interpretações sobre a questão racial no Brasil até aquele momento – a um patamar de incoerência de interpretação da realidade e seu autor ao status de formulador de uma teoria que justificava o racismo no seio da sociedade brasileira¹⁷.

O germe da denúncia ao mito da democracia racial já estava presente em trabalhos anteriores como o de Bastide e Florestan - além de outros resultados do Projeto UNESCO como as investigações de Costa Pinto - porém assumiram um novo caráter com a obra de

¹⁶ Parte desta inspiração vem também de sua leitura da obra: WILLIAMS, E. **Capitalismo e Escravidão**, Cia das Letras, SP, 2012

¹⁷ Para esta questão ver, entre outras obras: PAIXÃO, M. **Manifesto Anti-Racista: Ideias em Prol de uma Utopia Chamada Brasil**, DP&A Ed., UFRJ, RJ, 2005;

Ianni. O intelectual denunciou em sua obra a abolição como uma revolução branca visto que a intenção principal da abolição não era libertar o escravo, mas sim transformar o trabalhador cativo em mão-de-obra livre, o que seria mais vantajoso aos proprietários de escravos.

Os aspectos econômicos – em especial a categoria trabalho - da questão racial são centrais na tese de Octavio Ianni. A mudança do título da tese **O Negro na Sociedade de Castas** para **As Metamorfoses do Escravo** quando da publicação pela editora Difel é significativa neste limiar uma vez que a palavra “metamorfose” presente no título se refere justamente à transformação do escravo, de mercadoria à mão-de-obra quando se completa a transição do sistema escravocrata para a ordem social competitiva.

Além da alteração na tônica dos diagnósticos elaborados sobre o fenômeno da abolição por Ianni é possível perceber a incorporação de uma nova interpretação e de uma nova retórica baseada nos fundamentos teóricos e metodológicos do marxismo. Através de diferentes citações de Marx utilizadas por Ianni, é possível constatar, por exemplo, a incorporação da ideia de sobredeterminação da “estrutura” sobre a “superestrutura”. Estava claro para Ianni que as relações materiais estabelecidas no sistema escravista constituíam a “chave mestra” que determinava o modo pelo qual se davam as relações raciais entre os atores que conviviam neste regime.

A seguinte citação utilizada por Ianni ilustra a assertiva. “Modelando as **relações sociais** em conformidade com os seus **modos de produção material**, os homens modelam também **as ideias, as categorias**, isto é, **as expressões ideais abstratas das mesmas relações sociais**” (MARX, ENGELS, 1951, P. 123 apud IANNI, 1962, P. 21 Grifos nossos) A formulação, bastante familiar aos intelectuais das Ciências Humanas da atualidade, chegava a Ianni e a outros estudiosos daquele contexto universitário como inovação interpretativa dos fenômenos sociais através das leituras no Seminário e de algumas obras de Marx que foram sendo inseridas nos programas e ementas das universidades à época.¹⁸

As Metamorfoses do Escravo

Além da tônica de denúncia adotada por Ianni na análise sobre a escravidão e sua abolição no Brasil através da perspectiva crítica do marxismo, a interpretação do autor trouxe, através desta analítica, alguns elementos novos sobre o fenômeno da desintegração

¹⁸ Embora inovadoras do ponto de vista teórico e metodológico, as pesquisas desenvolvidas por Octavio Ianni, que inseriram a perspectiva marxista nos modos de interpretação da questão racial, passaram tardiamente a ser alvo de críticas por parte da intelectualidade e da militância dos movimentos negros por considerarem que as questões referentes às desigualdades e ao preconceito racial tenham ficado subsumidas frente às perspectivas que consideravam com maior predominância as desigualdades de classes que passaram a ser adotadas a partir da ótica marxista de análise.

da ordem escravocrata no Brasil. Novas perspectivas foram elaboradas através de ideias provenientes destas leituras que o autor fez do fenômeno histórico através da ótica marxista.

Octavio Ianni trouxe de maneira inovadora para o centro de sua análise a incompatibilidade entre o regime capitalista que se formava no final do século XIX no Brasil e a permanência da utilização da mão-de-obra escrava como principal força de trabalho produtiva. Seguindo esta linha interpretativa Ianni chegava à conclusão de que ao longo do tempo o trabalho escravo vinha perdendo eficiência em face do novo regime de trabalho livre fortalecido pelos imigrantes europeus e pelas inovações tecnológicas que substituíam o trabalho cativo por um trabalhador de preço mais baixo para o senhor engenho. Com as inovações tecnológicas e o emprego da mão-de-obra livre, o escravo tornava-se um meio de produção de alto custo para os senhores de escravos que se transformavam, naquele período, em novos “empresários capitalistas” e tinham que moldar seus negócios à nova lógica do mercado. O cálculo racional tomava conta do antigo mercado que se dividia entre a ordem rural e a citadina, o que impossibilitava, segundo Ianni, a coexistência entre capitalismo e escravidão. “(...) devido à interrupção do tráfico negreiro, a política imigratória etc. o trabalhador escravo se torna (ou) economicamente oneroso ou inadequado às novas exigências.” (IANNI, 1962, P. 184, 185) O foco dos principais motivos elencados pelo autor para explicar a abolição da escravatura foi deslocado do campo político e social para o campo “econômico” na análise de Octavio Ianni.

O eixo da análise sobre a desintegração do sistema escravocrata passou a buscar explicações nas transformações ocorridas nos meios de produção, com a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre. A partir deste momento apenas elementos políticos e sociais não eram mais suficientes para explicar isoladamente a abolição da escravidão no Brasil.

Este modo de interpretação, embora tenha trazido luz a novos elementos, acabou por ocultar alguns outros – ou no mínimo tendeu a minimizá-los – como o protagonismo do agente escravo no processo histórico de desintegração do sistema escravocrata. Isto porque na perspectiva adotada por Ianni e por outros intelectuais marxistas, o processo de desagregação do sistema não se deu por conta de um papel ativo desempenhado pelo escravo diante de sua situação “oprimida”, mas este teria sido na verdade agente passivo de uma transformação histórica e econômica que praticamente independia de sua vontade.

Deste modo o escravo era visto por Ianni menos como “agente da história” e mais como resultado dela. Ianni atribuía esta ausência do protagonismo histórico a uma suposta ausência de consciência – discussão clássica do marxismo à época – por parte do escravo

que não estaria capacitado a agir no sentido de transformar a ordem sócio-econômica vigente por conta da condição de alienação a que fora submetido durante tanto tempo¹⁹. Embora a visão de Ianni não fosse radical neste sentido – procurando em certo sentido em alguns momentos demonstrar algum protagonismo por parte destes agentes sociais no processo de mudanças – seu modo de interpretação deu margem a diversas críticas relacionadas a este ponto.²⁰

Ianni procurava demonstrar em sua tese que a posição abolicionista de determinados escravos frente à organização sócio-econômica não poderia ser compreendida como emancipatória, visando à extinção do sistema escravo como um todo uma vez que estas atitudes individuais objetivavam, na verdade, manumissões individuais e não tinham caráter coletivo ou de massa.

Segundo Ianni não havia um caráter de movimento coletivo nas atitudes de recusa ao sistema por parte de alguns escravos. “Para que (...) assumisse tal significado, seria preciso que o comportamento da coletividade cativa fosse organizado em função de uma **elaboração consciente da condição escrava**” (IANNI, 1962, P. 234, grifo nosso) Ianni esclarece ainda que o movimento dos escravos não podia ser visto como movimento coletivo. Ainda que grupos de escravos tenham se unido pela causa e lutado juntos pela libertação, segundo o autor “Somente as condições estruturais, em suas contradições e tensões, é que conduzirão o cativo a uma situação histórica em que ele se negará.” (IANNI, 1962, P. 234) Este último trecho citado é bastante representativo da perspectiva adotada pelo autor acerca do papel do escravo no processo abolicionista.

Os elementos citados acima se coadunam com a interpretação referente ao conceito marxista de alienação mobilizado por Ianni em determinados momentos da obra. Em seu diagnóstico Ianni denunciava o aspecto referente à dupla alienação do cativo na organização social escravocrata, no primeiro caso enquanto escravo, privado de sua condição de trabalhador e mão-de-obra livre e no segundo enquanto mercadoria, privado de sua consciência enquanto indivíduo.

Segundo o autor o sistema escravista teve que ser mantido sob constante vigilância para que a condição alienada do escravo pudesse ser preservada, visto que a escravidão só sobreviveria sob esta prerrogativa. A casta de escravos representaria “(...) uma categoria social cujos membros são alienados não só no produto do seu trabalho como também em sua própria pessoa.” (IANNI, 1962, P. 181) Ianni, conforme citamos anteriormente, se referia à alienação enquanto categoria econômica (como escravo) e enquanto categoria social

¹⁹ Elucidaremos a questão da alienação tratada por Ianni mais a frente.

²⁰ Ver PAIXÃO, M. **Manifesto Anti-Racista: Ideias em Prol de uma Utopia Chamada Brasil**, DP&A Ed., UFRJ, RJ, 2005;

(como mercadoria), uma dupla alienação, como produto do próprio trabalho e como indivíduo. Além disto, sobre esta casta esclarece “(...) é uma casta alienada, que não está em condições de apreender, enquanto casta, o sentido da própria existência social, quer em face da casta à qual se acha submetida quer de si mesma” (IANNI, 1962, P. 181)

Outro aspecto importante que se destaca na interpretação de Ianni se refere à utilização da dialética marxista para a compreensão do processo histórico de desintegração do sistema escravista. Ianni em sua interpretação trouxe o surgimento do mulato no seio da família patriarcal como um dos elementos antitéticos que contribuíram com o processo de abolição da escravidão por conta das consequências geradas por um componente que não constituía uma representação tradicional nos polos opostos presentes no sistema escravista. “O mulato, como se verá, é um produto dessa situação, exercendo, independentemente da sua consciência real da situação, efeitos sociais ativos, contraditórios com os requisitos de estabilidade do regime.” (IANNI, 1962, P. 173)

Deste modo, além da incompatibilidade entre mão-de-obra escrava e regime econômico capitalista em formação anunciada por Ianni, existiria a “incompatibilidade social” no surgimento do mulato no seio da família patriarcal, resultante dos intercursos sexuais entre senhores de engenho e escravas. “O mulato é, por isso, um produto dialético, negação o escravo e do senhor, e, em decorrência um dos agentes de destruição da escravatura” (IANNI, 1962, P. 197).²¹

O Pensamento de Octavio Ianni: Questão Racial x Marxismo

Sabemos que a “questão racial” constituiu-se e continua a se constituir enquanto grande obstáculo para o desenvolvimento social brasileiro. O campo do Pensamento Político Social Brasileiro tem contribuído sobremaneira com a revisão de reflexões, investigações, pesquisas e análises desenvolvidas no Brasil antes mesmo de a escravidão ter sido abolida aqui. O que este campo traz de essencial é a demonstração de que o “pensamento” de

²¹ As críticas ulteriores dirigidas aos trabalhos da Cadeira I de Sociologia Uspiana - principalmente às pesquisas que adotaram a perspectiva marxista de análise e que apresentavam os problemas de desigualdade racial como “resíduos da escravidão” - tem como base fundamental a demasiada importância dada por estes intelectuais aos problemas de classes contidos na problemática racial da sociedade brasileira. Para os estudiosos que corroboram esta perspectiva crítica em relação aos trabalhos da cadeira uspiana a “questão classista” e “residual escravista” acabaram por ocultar e ofuscar o problema especificamente racial presente na sociedade nacional. Entre estes autores figuram principalmente PAIXÃO (2005) e HASENBALG (2005). Estas críticas representam importante polêmica tanto no campo acadêmico quanto na esfera política, visto que dados atuais demonstram que, embora a desigualdade e o preconceito racial presente em nossa sociedade tenha também como pano de fundo a questão socioeconômica, a questão racial continua sendo um obstáculo à parte da questão social e que ainda impede a ascensão do homem negro na sociedade brasileira da atualidade. Prova disto são os dados demonstrados pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEEPIR e pelo Laboratório de Análises Econômicas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais - LAESER. Os dados demonstram, entre outras questões, que a população negra continua sendo discriminada pela sua cor de pele e não apenas pela sua condição socioeconômica menos favorável em relação à população branca. (SEEPIR, 2013; LAESER, 2012) Além disto, outros dados referentes à desigualdade racial no Brasil podem ser conferidos no site www.laeser.ie.ufrj.br/. Uma série de dados e estatísticas importantes sobre esta temática vem sendo desenvolvidas por este laboratório de estudos.

determinados fenômenos sociais são condicionados por contextos e cenários exteriores a estes próprios pensamentos. Entre os condicionantes que podem influenciar o pensamento acerca de determinadas temáticas estão os diferentes contextos históricos, econômicos, culturais, convenções sociais e linguísticas, além dos ideários político-intelectuais que conformam uma época.

Certamente as interpretações de Octavio Ianni acerca da questão racial contribuíram para ampliar o leque de teorizações e compreensões que vinham sendo estabelecidas no Brasil desde o fim do século XIX. Poderíamos afirmar que suas interpretações e investigações sobre o tema teriam se constituído apenas como mais uma visão entre outras tantas que se concretizaram neste campo específico de estudo; mas o que devemos na verdade reconhecer é a grande importância que a adoção das perspectivas teóricas e metodológicas do marxismo trouxe para o pensamento sobre a temática racial. Através da recepção e circulação destas ideias num contexto global de pensamento, diferentes perspectivas de compreensão se abriram e facilitaram a análise de um fenômeno relativamente novo no Brasil, qual fora a abolição do sistema escravista em 1888.

Pensamos que quatro elementos principais contribuíram com a compreensão e interpretação de Octavio Ianni sobre a questão racial no Brasil. O primeiro seria referente ao contexto internacional, ao modo como as “questões de raça” eram interpretadas no mundo até então e no modo pelo qual o Projeto UNESCO tentou alterar esta lógica ao procurar respostas capazes de resolver de forma definitiva o problema do preconceito e da discriminação racial ao redor do mundo.

O segundo seria relativo à influência de Florestan Fernandes na formação, treinamento como pesquisador e orientador de Octavio Ianni. Em nossa visão a formação intelectual de Florestan Fernandes teria sido produto do “híbrido”, proveniente do treinamento teórico e metodológico recebido durante sua formação entre a FFCL – USP durante sua graduação e doutorado e a ELSP durante seu mestrado. Entre a formação uspiana e elspiana mesclaram-se o aprofundamento “teórico e abstrato” proveniente da “missão francesa”²² – tendo Roger Bastide como a figura que mais influenciou o trabalho de Fernandes – e a Sociologia empírica e aplicada proveniente da “missão americana”²³ bem representada pela figura de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo – ELSP. A influência deste “treinamento híbrido” é clara nos trabalhos de Octavio Ianni e fundamental para a compreensão da maneira pela qual se constituíram suas interpretações.

²² Ver Micelli (1989)

²³ IDEM nota 22

O terceiro elemento de influência teria como base o contexto social, político e econômico nacional-desenvolvimentista. Este cenário teria contribuído com a formação das agendas de pesquisas e trabalhos que tentavam compreender o fenômeno do atraso brasileiro. Através de diferentes leituras da realidade histórica brasileira, a intelectualidade buscava elementos que pudessem explicar o atraso nacional em relação aos “países desenvolvidos”. Este movimento pautou durante muito tempo a agenda das interpretações acerca da realidade nacional. A tentativa da compreensão de como se formou e se desintegrou o sistema escravocrata no Brasil fez parte desta tentativa de compreensão.

Por fim, o último elemento a ser levado em consideração refere-se à participação de Octavio Ianni no Seminário do Capital e à metodologia marxista adotada pelo autor para compreender o fenômeno da escravidão e sua abolição no Brasil. Através desta nova perspectiva teórica, metodológica e “filosófica”, Ianni constituiu um novo modo de interpretação sobre a realidade brasileira e desvendou elementos inéditos à época de sua produção. Não seria nenhum exagero afirmar que o novo instrumental analítico contribuiu de modo profundo com o avanço nas interpretações acerca do fenômeno sócio-econômico da escravidão e sua abolição no Brasil e que Octavio Ianni desempenhou papel fundamental no fortalecimento desta nova perspectiva de análise.

Referências bibliográficas

ARRUDA, M. A. do N.. **Metrópole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9 (2): 39-52, outubro de 1997.

BASTIDE, R. FERNANDES, F. **Relações entre Brancos e negros em São Paulo**. Revista Anhembi. SP, 1955

BASTOS, E. R. **Octavio Ianni: A questão racial e a questão nacional**. In: CRESPO, R.A; FALEIROS, M.R (orgs) **Humanismo e Compromisso: Ensaio sobre Octavio Ianni**. SP: ED. UNESP. (Seminários e Debates) 1996

_____**Octavio Ianni, Diversidade e Desigualdade** In: BOTELHO, A. SCHWARCZ, L. M. (ORG) **Um Enigma Chamado Brasil: 29 Intérpretes e um País**. Companhia das Letras. SP 2009

BASTOS, E. R. ABRUCIO, F. LOUREIRO, M. R. & REGO, J. M. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo, Editora 34, 464 páginas. 2006

BOTELHO, A.. **Cientificismo à brasileira: notas sobre a questão racial no pensamento social brasileiro**. Achegas Net Revista de Ciência Política, Rio de Janeiro, v. 1, 2002

BRANDÃO, G. M.. **Linhagens do Pensamento Político Brasileiro** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 48, no 2, pp. 231 a 269. 2005

BRITO, J. G. **Octávio Ianni e a interpretação do Brasil: a concepção dialética da história sob o signo da metamorfose**. Dissertação de mestrado: UNESP/Araraquara, 2005

CARDOSO, F. H. **Uma Pesquisa Impactante** In: BASTIDE, R, FERNANDES, F. **Branços e negros em São Paulo**. 4°.ed. São Paulo: Global editora, 2008.

_____ **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 375 p. 2003

CARDOSO, F. H. e IANNI, **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações entre Negros e Brancos numa Comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo, Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira, vol. 307). 1960

FALEIROS, Maria I. L.; CRESPO, Regina A. **Humanismo e Compromisso: Ensaio sobre Octávio Ianni**. São Paulo : UNESP, 1996

FERNANDES, F. **Prefácio** IN: **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações entre Negros e Brancos numa Comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo, Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira, vol. 307). 1960

_____ **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959

_____ **Entrevista concedida** IN: BASTOS, E. R. ABRUCIO, F. LOUREIRO, M. R. & REGO, J. M. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo, Editora 34, 464 páginas. 2006

_____ **O negro no mundo dos brancos**. 2° Ed. Revista. São Paulo. Global. 313 p. 2007

_____ **Prefácio à segunda edição**, 1958 IN: BASTIDE, R. FERNANDES, F. **Branços e negros em São Paulo**. Editora Global, 4°.ed. SP, 2008

_____ **A Integração do Negra na Sociedade de Classes**. Ed. Globo, II Vols. SP, 2008

FILHO, A. R. **O 'Seminário Marx' e sua influência nas Ciências Humanas no Brasil. A crítica da Analítica Paulista o marxismo adstringido de José Arthur Giannotti**, IV Colóquio Engels e Marx. SP 2005

FREITAG, B. (2005) **"Florestan Fernandes: revisitado"**. Estudos Avançados, Set./Dec, vol.19, no. 55, p.229-243. 20 – 2005

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**, 22° ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

GERTH, H. MILLS, W. **Character and Social Structure, The Psychology of Social Institutions**, London, 1954

GIANNOTTI, J.A. “**Notas para uma análise metodológica de O capital.**”. Revista Brasiliense, nº 29 P. 60 – 72, SP – 1960

_____ **Recepção de Marx no Brasil.** Novos Estudos nº 50, SP 1998

GUIMARÃES, A. S. **Prefácio** In: FERNANDES, F. **A Integração do Negra na Sociedade de Classes.** Ed. Globo, II Vols. SP, 2008

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

IAMAMOTO, M. V. BEHRING, E. R. (ORG.) **Pensamento de Octavio Ianni: Um balanço de sua Contribuição à Interpretação do Brasil.** FAPERJ, UFRJ, CEOI, 7 Letras, RJ 2009

IANNI, O. **O negro na sociedade de castas,** Tese de Doutorado, USP – Localização CAPH: 16A - São Paulo 1961

_____ **As Metamorfoses do Escravo,** DIFEL, SP, 1962

_____ **Raças e Classes sociais no Brasil.** 3º Ed. Revista e acrescida de novos capítulos, 1987. 1º reimpressão. São Paulo. Brasiliense, 2004. 356p. 1º Ed. 1972

_____ **Entrevista concedida** IN: BASTOS, E. R. ABRUCIO, F. LOUREIRO, M. R. & REGO, J. M. **Conversas com sociólogos brasileiros.** São Paulo, Editora 34, 464 páginas. 2006

JACKSON, L. C.. **Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969).** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2007 21

LAESER, **Tempo em Curso,** Ano IV, Vol. 4, nº 10, RJ, 2012

LAUHERTA, M.. **Em Busca da Formação Social Brasileira: Marxismo e Vida Acadêmica.** Perspectivas, São Paulo, 28: 157-186, 2005

_____ **Intelectuais e Transição: entre a Política e a Profissão.** Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 1999

LÉPINE, C. **O Negro Brasileiro: raça, cultura ou classe social?** IN: FALEIROS, Maria I. L.; CRESPO, Regina A. **Humanismo e Compromisso: Ensaio sobre Octávio Ianni.** São Paulo : UNESP, 1996

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe: Estudos Sobre a Dialética Marxista,** Martins Fontes, SP, 2012.

MAIO, M. C. **O Projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999

_____ **A História do Projeto da UNESCO: estudos raciais e as ciências sociais no Brasil.** R. J.: IUPERJ, (Tese de Doutorado). 1997

_____ **O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da Unesco.** Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, Oct. 1998. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045970199800020006&lng=en&nrm=iso. Acessado em 30 Agosto de 2011

MARTINS, E. L. **Marxismo e a Universidade no Brasil: Um estudo sobre o Seminário de Marx (58 – 64).** Dissertação de mestrado – UNICAMP, SP - 2008.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política,** Expressão Popular, SP, 2008

_____ **A Ideologia Alemã,** M. C., SP, 2007

MASSI, F. **Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930 – 1960).** In: MICELLI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil** (São Paulo: Vértice, 1989)

MICELLI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil,** II Vol., Vértice, SP, 1989

OLIVEIRA, D. F. S. **A Sociologia da Sociologia de Octavio Ianni: as razões da crítica e a crítica da razão no pensamento social.** Dissertação de mestrado – UNICAMP – SP 2011

PAIXÃO, M. **Manifesto Anti-Racista: Ideias em Prol de uma Utopia Chamada Brasil,** DP&A Ed., UFRJ, RJ, 2005;

PÉCAUT, D. **Intelectuais e a Política no Brasil – Entre o Povo e a Nação,** Ed. Ática, SP, 1990

PULICI, C. **De Como o Sociólogo Brasileiro deve Praticar seu Ofício: As Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969.** Perspectivas, v. 31, p. 97 – 120, jan./jun. 2007

ROMÃO, W. M. **Sociologia e Política Acadêmica nos anos 1960: A Experiência do CESIT,** Humanitas, SP, 2006

SCHWARZ, R.. **“Um Seminário de Marx”.** In Novos Estudos CEBRAP, nº 50, pp. 99-114, Março, 1998.

SEEPIR, <http://www.seepir.gov.br/iii-conapir/documentos>

SILVA, L. F. **Pensamento Social Brasileiro: Marxismo Acadêmico entre 1960 e 1980.** Editora Corações e Mentas SP – 2003

SOARES, L. R. **Mestres e Discipulos e um Seminário em São Paulo (1958-1978),** Tese de Doutorado USP SP 2011

TAUIL, M. R. **Octavio Ianni e o Início de sua Trajetória Intelectual: Uma Nova Interpretação sobre a “Questão Racial”,** dissertação de mestrado, UNIFESP, SP, 2013